

Conversando com Rosine Perelberg^[1]

Rosine Jozef Perelberg é analista didata, supervisora e ex-presidente (2019-2022) da Sociedade Britânica de Psicanálise. Professora visitante da Unidade de Psicanálise da University College London e membro correspondente da Sociedade Psicanalítica de Paris. Doutora em antropologia social pela London School of Economics (University of London), recebeu o Prêmio Sigourney^[2] em 2023 por seu trabalho em estabelecer um diálogo criativo entre psicanálise e antropologia social abordando temporalidade, sexualidade e antisemitismo. Em 2019, seu livro *Psychic bisexuality: a British-French dialogue*^[3] ganhou o Prêmio Literário da American Board & Academy of Psychoanalysis. No Brasil, em 2006, foi selecionada como uma das dez mulheres do ano pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil. Rosine, uma brasileira, antropóloga, psicanalista, pensadora e escritora criativa, vive e trabalha em Londres, onde atende em clínica particular.

Berggasse 19: Bem-vinda, Rosine, à nossa revista. É uma honra e alegria recebê-la em nossa casa psicanalítica no interior do Brasil. Gostaríamos de começar já pedindo que nos fale um pouco sobre seu percurso, sua trajetória, como mulher, brasileira e antropóloga se enveredando pelo caminho da psicanálise na Inglaterra. Como foi desembarcar na Europa há tantos anos e alcançar um trabalho tão consistente e reconhecido internacionalmente, chegando inclusive a ser presidente da Sociedade Psicanalítica Britânica? Como foram essas passagens Brasil-Inglaterra, antropologia-psicanálise, Inglaterra-França, atravessando fronteiras e promovendo diálogos? Pode nos falar sobre esse percurso e sobre as leituras que a inspiraram?

1. Esta entrevista foi realizada por escrito, via correio eletrônico, com a participação do Conselho Editorial da revista Berggasse 19 e da entrevistada, Rosine Perelberg. Agradecemos a generosa disponibilidade de Rosine e suas preciosas contribuições para a presente publicação.

2. Prêmio que reconhece trabalhos excepcionais na promoção do pensamento psicanalítico ao redor do mundo.

3. Publicado pela editora Routledge em 2018.

Rosine Perelberg: Agradeço o convite de Ana Cláudia e da *Berggasse 19* para falar sobre minha trajetória geográfica e intelectual. Fico muito feliz em saber que vocês estão em contato com meu trabalho.

Eu entrei para a Universidade Federal do Rio de Janeiro^[4] em 1969 com o objetivo de cursar história. Em 1968, contudo, depois do Golpe de 1964, a repressão se tornou mais violenta, e muitos intelectuais foram presos e torturados. A maioria dos professores de história que eu admirava foram suspensos da universidade ou fugiram para o exterior, se não tivessem sido presos. O próprio ato de pensar parecia uma prática revolucionária. Muitos dos alunos da UFRJ convergiram para a antropologia social. Sendo uma disciplina “exótica”, não tinha sido tocada pela ditadura. Foi assim que a paixão pela antropologia social começou. Lembro-me da primeira aula com o professor Gilberto Velho, quando ele nos fez a pergunta: “qual é a única lei cultural que é universal?”. Ele se referia ao tabu do incesto, na forma como havia sido discutido por Lévi-Strauss. Um mundo bibliográfico se abriu para mim. No ano seguinte consegui uma bolsa e fui monitora dos alunos do Gilberto.

Quanto às leituras que me inspiraram... Eu ainda estava no final da adolescência quando entrei para meu primeiro grupo de estudos de Freud, no qual lemos o trabalho dele cronologicamente durante um período de cinco anos. Na época, era paralelo a outro grupo de estudos ao qual eu pertencia, sobre Marx. Li *A interpretação dos sonhos* ao mesmo tempo que tentava ler *O capital*.

Estudamos as forças invisíveis em nossa vida, lendo Marx, Engels, Althusser e Martha Harris. Com Althusser, enfatizamos a invisibilidade das estruturas que nos afetavam e determinavam nossa existência.

Os trabalhos de Freud e Marx pareciam ter um elo importante; houve debates acalorados sobre esses trabalhos e ideias e as implicações para uma teoria da práxis. A visão freudiana essencial era paradoxal. O indivíduo é determinado pela estrutura dramática do Complexo de Édipo em todas as suas configurações, uma indicação da passagem da natureza para a cultura, e ainda assim essa estrutura central também escapa ao indivíduo, pois está registrada no inconsciente. O sujeito não tem um centro em seu ego, na consciência, mas é fundamentalmente descentrado. Marx, por sua vez, enfatizou a alienação fundamental do indivíduo, que não está no centro de sua própria história.

Essa sensação de deslocamento e alienação parecia ecoar minha experiência das raízes históricas de minha família, tanto pelos pogroms na Polônia e na Rússia, que levaram à dispersão de meus ancestrais pela Europa, América do Norte e América do Sul, como pela participação de meu pai como *maquis* na resistência clandestina na França durante a Segunda Guerra Mundial, após a prisão de seu próprio pai pelos franceses em Paris e a subsequente deportação para Auschwitz. Agora, minha experiência de estudar no movimento underground na América Latina me dava uma sensação de um contato tênue com suas lutas. Quando comecei a estudar antropologia, continuei

4. UFRJ.

a sentir-me parte de uma minoria, se a contrastarmos com as ciências então mais nobres, como a filosofia, a sociologia e a ciência política.

Durkheim, Mauss e Lévi-Strauss foram minhas próximas fontes de interesse. Envolvi-me então com outro grupo que estava passando pelas fascinantes *Mythologiques* de Lévi-Strauss (1963, 1964, 1966 e 1967). A ideia de que há um número limitado de estruturas e ideias nos mitos da América Latina, que são transformações umas das outras, ecoou as ideias de Freud de que há apenas um número limitado de coisas a serem simbolizadas.

Freud considerava a compulsão à repetição um princípio ingovernável existente no inconsciente. Representa a repetição de experiências antigas das quais o indivíduo não tem lembrança consciente. Está relacionada à característica conservadora das pulsões.^[5] A compulsão à repetição, que está na base da formação dos sintomas, também pode ser vista como uma tentativa de apreender o que não foi devidamente compreendido pelo indivíduo sobre si mesmo. Essa busca pelo conhecimento é, em última análise, uma busca pelo conhecimento sobre as próprias origens. O jogo *Fort-da*, do neto de Freud, era uma tentativa de dominar a ausência da mãe e constituía uma primeira narrativa de um objeto que se perdia e depois era recuperado, mas também parecia indicar o quebra-cabeça sobre as origens.

Subjacente ao meu interesse por psicanálise e antropologia, havia outra importante fonte de leitura que permeava minha vida: os escritores latino-americanos. Minha mãe, Bella Jozef, foi uma eminente professora de literatura hispano-americana, professora e escritora prolífica, e ao longo da minha vida os escritores que ela estudava foram visitantes em nossa casa. Ao longo dos anos, conheci muitos deles. Manuel Puig tornou-se um querido amigo da família quando se mudou para o Rio de Janeiro, e Mario Vargas Llosa foi uma figura familiar que encontraríamos novamente muitos anos depois, quando assumiu o cargo de professor visitante em Cambridge. Os livros de todos esses escritores, que incluíam Gabriel García Márquez, Julio Cortázar, Jorge Luis Borges e tantos outros, fluíam para nossa casa, muitas vezes ainda na forma de manuscritos. Lembro-me do sentimento de encantamento de minha mãe quando leu pela primeira vez *Cien años de soledad*, do García Márquez. Cada um de nós a seguiu devorando o livro antes que ele chegasse às livrarias. Anos depois, Bella Jozef e eu escreveríamos dois artigos juntas: um para *Penser les limites*, o livro publicado por Botella em homenagem a André Green (“Temps et mémoire dans ‘Cent ans de solitude’”, 2002) e outro para o livro de Joan Raphael-Leff, *Between sessions and beyond the couch* (“After dark, before dawn”, 2002), uma coletânea que foi uma espécie de brincadeira, convidando psicanalistas a escrever sobre o que faziam entre as sessões.

Nos mitos criados por tantos livros da literatura latino-americana pode-se compreender uma construção da própria realidade, uma cartografia hispano-americana. Essa foi uma realidade fantástica na qual os escritores brincaram com

5. Cf. *Vocabulário da psicanálise* (1982), de Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis (editora Martins Fontes).

aspectos também da realidade comum, invertendo-os, expandindo-os e, no processo, construindo alternativas. Por exemplo, em *La tía Julia y el escribidor*, de Vargas Llosa, há um personagem que acompanha muitas histórias de novela no rádio e começa a misturá-las, trocando nomes e fatos, de modo que toda uma confusão entre as histórias é criada.

A outra fonte de admiração e inspiração foi meu pai e sua biografia pessoal, que contribuiu para seu interesse pela história política judaica. A identidade judaica de meu pai foi moldada principalmente pela história e por suas próprias atividades políticas. Meu pai era um leitor ávido, o primeiro crítico dos numerosos artigos e livros de minha mãe e o primeiro a ler cada livro que chegava à enorme biblioteca que crescia na casa de meus pais. A literatura sobre a história judaica e o Holocausto tem um interesse especial para ele. Segui seus passos, e esses assuntos agora formam uma parte substancial de minha biblioteca.

Voltando a meu interesse pela obra de Durkheim, Mauss e Lévi-Strauss, foi isso que me levou a me candidatar para cursar o mestrado em antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Naquela época, o Museu Nacional estava fervilhando de atividade intelectual. Sendo uma disciplina tão exótica, a antropologia foi virtualmente ignorada pelo regime militar, apesar da repressão intelectual prevalecente. Aspectos aparentemente triviais da vida cotidiana foram elevados a objetos de estudo. O Roberto DaMatta, que era um professor tão inspirador, estava estudando o carnaval carioca; Gilberto Velho havia inaugurado toda uma área do que se chamava de “antropologia urbana”, estudando assuntos que iam desde padrões de uso de drogas até a vida no prédio mais infame de Copacabana. Os seminários eram vivos e vibrantes. Foi a antropologia em formação – algo que tive em mente, algumas décadas depois, como diretora do comitê de currículo da Sociedade Psicanalítica Britânica. Não é fácil organizar o currículo de forma que se tenha um olho no passado e na história, e outro no futuro, pelo qual as pessoas compartilham com os alunos sua área de trabalho atual.

Os anos no Museu Nacional foram, portanto, anos de estudo, escrita e leitura de escritores como Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste, Michel Foucault, Thomas Szasz, Ronald Laing, Erving Goffman, Maurice Godelier e Pierre Bourdieu. Ao mesmo tempo, mantive meu interesse pela psicanálise e li Donald Winnicott, Masud Khan e todos os livros de Melanie Klein. O trabalho de Winnicott capturou minha imaginação. Fiquei impressionada com o trabalho clínico de Klein, mas, à luz das discussões teóricas e leituras com as quais estive envolvida nos anos anteriores, e das discussões acaloradas inspiradas por Althusser sobre a distinção entre construções teóricas e conceitos de nível inferior, pensei que seu trabalho teórico confundia a teoria com a “matéria-prima”. Klein havia descartado a metapsicologia freudiana e, mesmo que tentasse usar algumas das mesmas palavras, como “pulsões”, “Complexo de Édipo” e assim por diante, ela queria dizer coisas diferentes. Suas distinções entre a posição esquizoparanoica e a depressiva, no entanto, pareciam evocativas para mim, embora eu também pensasse que ela estava falando sobre crianças mais velhas.

Eu já havia me candidatado a um cargo de professora na UFRJ, de modo que tinha 22 anos quando comecei a ministrar meus primeiros seminários na graduação e na pós-graduação da universidade. Nos quatro anos seguintes, ofereci cursos sobre “Freud”, “rituais e simbolismo”, “psicanálise e antropologia” e “estruturalismo”.

Após o mestrado, candidatei-me a um doutorado na London School of Economics,^[6] de onde meu marido também recebeu uma oferta de emprego. Eu já tinha lido *Família e rede social*, de Elizabeth Bott Spillius, que teve um enorme impacto em mim. Eu estava interessada em desenvolver o trabalho de campo que havia feito anteriormente no mestrado do Museu Nacional, e queria investigar o que acontecia nas redes sociais das famílias em crises de doença mental e como isso estava conectado às noções de pessoa.

Chegar à LSE foi uma experiência antropológica em si. Senti que havia pousado em um planeta diferente, e o corpo docente parecia ter assumido uma estranha semelhança com os “nativos” que estavam estudando: James Woodburn para o grupo de caçadores-coletores com quem havia trabalhado e David McKnight, que foi meu primeiro tutor, para os aborígenes australianos. Mais tarde, acho que ele até se mudou para a Austrália e morou com eles. Maurice Bloch, que estudava os merina de Madagascar, foi uma das forças inspiradoras do departamento. Ele era ferozmente contra a psicanálise, então mais uma vez me senti entre culturas. Alfred Gell tornou-se um amigo querido, e sua morte prematura foi uma perda terrível. Seu trabalho sobre construções culturais de mapas e tempo era de especial interesse no departamento da época.

Os seminários científicos da manhã de sexta-feira foram absolutamente emocionantes. As discussões tiveram uma intensidade enorme e, durante os primeiros meses de participação neles, muitas vezes cheguei a prender a respiração e às vezes pensei que as pessoas nunca mais falariam umas com as outras, mas o ritual terminava sempre com todos nós no pub refletindo sobre as discussões tomando uma cerveja. Alguns anos depois, quando foi minha vez de me apresentar em um dos seminários, senti que havia “chegado” e me tornado um dos personagens da peça.

O ano de preparação para o trabalho de campo foi um privilégio. Passei muitas horas todos os dias na biblioteca da LSE. Li os trabalhos dos principais antropólogos, como Alfred Radcliffe-Brown, Edward Evans-Pritchard, Bronisław Malinowski, Meyer Fortes, Edmund Leach, bem como de meus professores na LSE. Continuei meu interesse pelo trabalho dos escritores franceses, que mal eram citados nos seminários em Londres.

Se a tradição britânica trouxe o conhecimento das estruturas, a francesa trouxe a imaginação dos modelos. Eu continuei minha trajetória “entre culturas”, o que me permitia o diálogo dos dois lados do canal da Mancha. Encontrei-me mais uma vez em um espaço intermediário, trazendo conhecimento das abordagens francesa e britânica para as discussões no departamento. Essa é uma tradição que carrego comigo ao longo da minha carreira intelectual.

6. LSE.

Depois do doutorado, eu me inscrevi na formação da Sociedade Psicanalítica Britânica. A formação foi um período emocionante. Tive sorte de ter encontrado uma analista didata que era para mim uma pensadora independente e conseguiu estabelecer um contato poderoso comigo desde nossa primeira entrevista.

O aspecto mais valioso do treinamento para mim foram os seminários clínicos. Senti que cada tradição na Sociedade Britânica tinha algo único a oferecer.

Embora ainda extremamente hierárquica como instituição, os alunos começaram a ter mais voz, e tornei-me presidente da organização dos estudantes.

Quando me qualifiquei, fui convidada por David Tuckett para ingressar no conselho editorial do *International Journal of Psychoanalysis* como membro associado, e Elizabeth Bott Spillius me convidou para ser editora associada da *New Library of Psychoanalysis*. Trabalhei com os dois por cerca de dez anos, e isso me permitiu ganhar uma grande experiência editorial que se mostraria valiosa no processo de edição posterior de meus próprios livros.

Minha participação na vida científica da Sociedade levou a convites consistentes para apresentar trabalhos em conferências no exterior. Colaborei especialmente com colegas da Sociedade Psicanalítica de Paris⁷⁾ e da Associação Psicanalítica Francesa, e viajei por toda a Europa dando palestras e supervisões clínicas. Também visitei várias sociedades psicanalíticas no Brasil e nos Estados Unidos.

Monique Cournut-Janin, da SPP, e eu nos conhecemos em conferências e planejamos um conjunto de encontros franco-britânicos, centrados no tema da sexualidade, e Chantal Lechartier-Atlan, também da SPP, juntou-se a Monique na preparação desses encontros. Encontramo-nos por cerca de 15 anos, alternadamente em Londres e Paris: o primeiro encontro foi sobre sexualidade feminina, o segundo sobre analidade, o terceiro sobre o feminino nos homens e o quarto sobre masoquismo e contratransferência. O último foi sobre bissexualidade, que levou à publicação de meu livro *Psychic bisexuality*. A influência do diálogo contínuo com colegas psicanalíticos franceses contemporâneos em meu pensamento tem sido imensa.

Eu participei consistentemente da vida organizacional da Sociedade Britânica, desde que fui presidente da organização dos estudantes até me tornar diretora de currículo, então diretora do programa de pós-graduação e depois secretária do comitê científico, enfim participando do comitê de formação. Quando me convidaram para a presidência, aceitei, permanecendo no cargo por um período de três anos.

Berggasse 19: Você discute a situação analítica como traumática por definição ao evocar o *Hilflosigkeit*, o desamparo do recém-nascido protótipo da situação traumática que está na origem da experiência de ansiedade. Você poderia comentar sobre isso, em especial a expressão desses aspectos no encontro analítico?

Rosine Perelberg: Ao convidar o paciente a deitar no divã e dizer o que vier à mente, em um ambiente onde as regras são determinadas pelo analista, a relação com o objeto primordial é trazida à tona. No espaço analítico, diferentes dimensões do tempo se desdobram, e uma tensão entre o velho e o novo é posta em movimento. Entre a apresentação do paciente (sua fala, pausas, narrativa dos sonhos e associações) e a resposta do analista por meio de seu trabalho interno (no qual têm lugar suas próprias associações livres, respostas, contratransferência e modelos teóricos), dimensões específicas de tempo e espaço são criadas no contexto dessa relação.

Existe uma cadeia de associações entre esse estado de desamparo, compulsão à repetição, trauma, sexualidade infantil, prazer e desprazer, que está no cerne da experiência de transferência e encontra sua expressão máxima na escuta do analista. A transferência é, por definição, preenchida com os desejos de nossos pacientes, que estão ligados às suas fantasias inconscientes e à sexualidade infantil. A memória esteve no centro dos estudos de Freud sobre a histeria. Em 1914, no entanto, ele introduziu a noção de compulsão à repetição. A descoberta dessa compulsão instituiu uma mudança paradigmática nas formulações de Freud, enfatizando o processo de repetição do trauma e instituindo um vínculo entre isso e a rede de conceitos que acabo de indicar.

Bergasse 19: Seu último livro lançado no Brasil, *Pai assassinado, pai morto: revisitando o Complexo de Édipo*,^[8] nos traz um profundo e consistente estudo sobre um dos pilares da psicanálise, uma (re)leitura do Édipo que articula antropologia, literatura, história e clínica psicanalítica, material por demais precioso. A temporalidade é um dos seus vértices de estudo, e nessa obra penso que justamente experimentamos uma investigação do Édipo que é passado, presente e futuro, e nos traz conceitos fundamentais já estabelecidos, mas que se desdobram no presente e apontam para desenvolvimentos futuros. Você poderia nos falar um pouco da concepção desse trabalho?

Rosine Perelberg: O enfoque nessa temática se desenvolveu a partir de uma conferência na Universidade Columbia em torno da obra de André Green, da qual ele participou. Foi mais uma oportunidade que tive para trabalhar com ele durante alguns dias. Tinham dado o título da conferência de Pai Morto, pensando que seria um contraponto à noção de *mãe morta* em André Green, quando na realidade pode-se dizer que é o contrário.

Para o trabalho que apresentei, que é o primeiro capítulo de *Pai assassinado, pai morto*, eu tracei a noção de pai e paternidade na obra de Freud. De certa forma eu faço isso com todos os meus trabalhos. Tudo começa traçando a evolução de um conceito na obra de Freud. Atualmente isso é mais fácil com computadores e PEP-Web.^[9] Quando comecei a fazê-lo, era uma atividade artesanal.

8. Publicado pela editora Blucher em 2021.

9. Psychoanalytic Electronic Publishing.

O tema do assassinato do pai permeia a obra de Freud. Ele oscilava entre tipos diferentes de interpretação, considerando-o, por um lado, um fato real ocorrido num passado distante e depois reprimido e, por outro lado, considerando esse “acontecimento” um mito. Apresenta-se, então, um paradoxo: matar o pai é, do ponto de vista de Freud, um requisito para a criação da ordem social que, a partir daí, proíbe todos os assassinatos. No entanto, o pai só precisa ser assassinado metaforicamente: a exclusão real do pai encontra-se na origem de muitas psicopatologias, desde a violência até as psicoses e perversões.

Em *Totem e tabu* (1912-1913), Freud nos conta a história de uma horda primeva de irmãos, governada pelo pai narcísico, tirânico, detentor de todas as mulheres. Um dia os irmãos se reúnem para assassinar esse pai a fim de ocupar seu lugar. Renunciam, porém, ao desejo de possuir todas as mulheres para si. Essa é a origem da sociedade e da cultura. Segundo Freud, o pai morto tornou-se mais poderoso do que jamais fora enquanto vivo. Assim, esse pai morto é visto como constitutivo da ordem simbólica e deve ser distinguido da pessoa real do pai (e da mãe morta).

O Complexo de Édipo foi descoberto gradualmente durante a segunda fase da obra de Freud, estabelecendo as diferenças entre os sexos e as gerações. No entanto, é apenas em seu último livro, *Moisés e o monoteísmo* (1939), que introduz o termo “paternidade”.^[10] Nesse livro, Freud reúne algumas de suas ideias, as quais vinha progressivamente desenvolvendo, partindo da realidade da sedução pelo pai na primeira fase, passando pela fantasia de sedução na segunda, até a elaboração do conceito de Complexo de Édipo, em sua assimetria entre as funções paterna e materna, que inclui ainda a complexidade do processo de *après-coup*. Em sua referência a um deus todo-poderoso que é também invisível e inacessível aos sentidos, *Moisés e o monoteísmo* estabelece uma ligação entre a função paterna e o monoteísmo. Isso então levanta a questão das ligações entre os dois: o deus invisível e o vínculo invisível que liga uma criança a seu pai e, em última instância, à função paterna, o que não deve ser confundido com a realidade biológica da mãe e do pai.

Meu livro sugere que a distinção entre o pai (narcísico) assassinado e o pai morto é central e paradigmática para a compreensão de configurações na prática clínica. É também relevante para a compreensão de obras literárias, histórias religiosas, ensaios antropológicos e acontecimentos históricos. Ilumina diferentes resultados nas diferentes psicopatologias, abrangendo desde pacientes que são de fato violentos com seus pais (ou substitutos) até pacientes perversos e borderline.

Bergasse 19: Ainda nessa obra, mas penso que também em todo o conjunto de seu trabalho, você discute o conceito de pulsão de morte e de negativo (com forte influência de André Green), inclusive para alcançar a compreensão de fenômenos como Auschwitz e o antissemitismo, que continuam ativos entre nós, estampados em situações como os conflitos na Faixa de Gaza e no Oriente Médio. Tais

10. Cf. *La fonction paternelle* (2007), de Jean-Claude Stolf (editora In Press).

fenômenos se estendem ao redor do mundo, não somente em relação aos judeus e não estando circunscritos a zonas de guerra declarada, mas se expressam na ameaça que se dá pela falta de condições propícias à vida. Movimentos de ataque à vida pela destituição da humanidade do outro, de desconsideração pela condição de ser animado do ser humano. Poderia nos falar sobre isso?

Rosine Perelberg: O último capítulo de meu livro, que eu intitulo “O assassinato do pai morto como habitus”, surgiu de forma inesperada. De alguma forma, se notarmos as leituras que me interessaram durante toda a minha vida, como falei no início desta entrevista, o capítulo foi escrito a partir de uma preocupação minha com a Shoah (Holocausto) e o antissemitismo.

Sugeri que a Shoah pode ser caracterizada como a abolição da lei do pai morto e o restabelecimento da tirania do pai narcisista. A destruição de qualquer senso de lei materna e regras paternas, tempo e genealogia, leva à leitura dos judeus como abjetos. Essas ideias levaram à minha formulação principal: que um aspecto importante do antissemitismo que culmina com a Shoah pode ser entendido em termos da tentativa de demolir a função do pai morto, as regras de genealogia, tempo aberto e filiação. É minha hipótese que é a centralidade da estrutura edípica que está sendo atacada.

Além disso, sugiro que a distinção entre o pai narcisista e o pai morto seja paradigmática e relevante para a compreensão do antissemitismo contemporâneo: o desejo de matar o pai morto, por um lado, e o ódio ao irmão “escolhido”, por outro, podem ser vistos como fontes centrais.

Um exame da persistência do antissemitismo ao longo dos tempos indica como o judeu é visto como o Outro absoluto, o estrangeiro e a fonte de projeções de qualquer coisa que não seja a ideologia dominante na época. A Shoah ocorreu dentro desse contexto de séculos de perseguição aos judeus pelo cristianismo e pelo islamismo, com as repetidas acusações dos judeus como deicidas. Uma compreensão do antissemitismo é necessária para explicar a persistência histórica do ódio contra os judeus, a compulsão à repetição em suas continuidades e transformações ao longo do tempo.

Faço uso do conceito de pulsão de morte em relação às noções de ligação e desvinculação e sugiro que as atrocidades podem ser entendidas como uma manifestação da pulsão de morte quando ela é desvinculada. Várias das noções se juntam: a noção de “violência inútil” de Primo Levi, o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, bem como a ideia de “banalidade do mal” de Hannah Arendt.

Pode surpreender que, embora a história da psicanálise internacional e do antissemitismo estejam intrinsecamente ligadas, pouquíssimos artigos no *International Journal of Psychoanalysis* têm “antissemitismo” em seu título.

O próprio Freud estava, no entanto, profundamente preocupado com essa questão. Em uma entrevista de 1926, ele declarou: “Minha língua é o alemão, minha cultura, minhas realizações são alemãs. Eu me considerava alemão intelectualmente,

até que percebi o crescimento do preconceito antissemita na Alemanha e na Áustria alemã. Desde então, prefiro me chamar de judeu”.^[11]

A maneira como tudo isso tem impacto na atual guerra no Oriente Médio é complexa. Atualmente, estou escrevendo um artigo sobre se a psicanálise tem uma contribuição específica a dar para a compreensão desse conflito. Há uma história complexa na relação entre o islã e o judaísmo ao longo da história, com tempos melhores e piores. Tem de se compreender a história de todo o Oriente Médio para se ter uma visão menos maniqueísta, bastante dominante no momento. Tem de se ter em mente todos os países que foram criados no século XX pelas Nações Unidas, pelos britânicos ou pelos franceses: Iraque, Jordânia, Síria e Líbano eram países que não existiam antes.

A psicanálise dispõe de ferramentas conceituais para ajudar na compreensão da atual explosão do antissemitismo em todo o mundo? Quão possível é ser reflexivo se ainda estamos no momento do trauma, sem possibilidade de uma passagem do tempo que permita que um *pós-golpe* (*après-coup*) ocorra?^[12] Vamik Volkan descreveu como as sociedades traumatizadas regridem e empregam divisão e projeção: todas as nuances são perdidas. Problemas e pessoas são reduzidos a bons ou maus, amigos ou inimigos; a polarização extrema se instala.

No artigo em que estou trabalhando no momento, exploro algumas das ferramentas conceituais que a psicanálise ofereceu para a compreensão do preconceito contra diferentes minorias em diferentes momentos. Isso é seguido por um esboço de diferentes grupos políticos que parecem se unir, numa combinação explosiva, em relação ao antissemitismo atual. O artigo sugere que o atual aumento das manifestações antissemitas em todo o mundo expõe um antissemitismo estrutural, derivado de múltiplas fontes, que é endêmico e se manifesta em tempos de descontentamento. Está, portanto, embutido no tecido do sistema social e irrompe periodicamente. Isso tem uma relativa independência do atual conflito no Oriente Médio. Pessoalmente, quero a paz e um futuro em que palestinos e israelenses possam viver lado a lado com reconhecimento e colaboração mútuos.

11. Em *Freud: uma vida para o nosso tempo* (2012), de Peter Gay (editora Companhia das Letras).

12. Cf. “The murder of the dead father: the Shoah and contemporary antisemitism”, de Rosine Perelberg, publicado em *The International Journal of Psychoanalysis* (vol. 103, n. 5, 2022).